

Coordenação de Armino Rodrigues

Pisco-de-peito-ruivo uma das aves nativas mais recentes nos Açores

Autor:
Pedro Rodrigues

Os Açores oferecem condições ideais para o estudo da evolução de espécies terrestres pois as nove ilhas que constituem este arquipélago apresentam elevados níveis de endemismo, uma grande diversidade de habitats quando comparado com regiões continentais do mesmo tamanho e estão separadas entre si por uma barreira oceânica. Para além disso, os Açores são geologicamente dinâmicos, com atividade vulcânica histórica e contemporânea e, devido ao seu isolamento geográfico, sensivelmente a 1.500 km do continente Europeu e a 1.900 km do continente Americano, o fluxo genético entre as espécies terrestres das ilhas e de outras regiões é reduzido. Os Açores poderão ser considerados como um

autêntico laboratório natural para o estudo da evolução das espécies, em particular das aves, não ficando atrás de arquipélagos tão remotos como o Havai ou as Ilhas Galápagos. A compreensão dos processos evolutivos em populações de ilhas oceânicas tem sido um tema central no estudo da evolução das aves e possibilita a determinação de padrões filogeográficos, ou seja, de processos históricos que são responsáveis pela atual distribuição geográfica das espécies, permitindo por vezes reavaliar a taxonomia das espécies mais isoladas e inferir sobre o seu estatuto de conservação.

Ao longo dos últimos cinco anos, o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) da Universidade dos Açores tem desenvolvido estudos no âmbito da filogeografia e diversidade genética dos passeriformes dos Açores. Estes estudos têm originado resultados muito interessantes que possibilitam perceber de que forma e quando é que estas aves colonizaram os arquipé-

lagos da Macaronésia, em especial os Açores, acrescentando mais um capítulo à história natural destes arquipélagos.

No âmbito destes estudos, foi recentemente publicado um artigo científico na revista internacional *Journal of Ornithology* (Jornal de Ornitologia) sobre a filogeografia e diversidade genética do pisco-de-peito-ruivo nos Açores (Phylogeography and genetic diversity of the Robin (*Erithacus rubecula*) in the Azores islands: evidence of a recent colonisation), que com base em estudos moleculares e biométricos, concluiu que o pisco-de-peito-ruivo, também conhecido nos Açores como santantoninho, papinho ou caixinha, e com o nome científico de *Erithacus rubecula*, é

uma das espécies nativas de aves mais recentes na região, tendo a colonização ocorrido durante os últimos 80.000 anos, e que a rota de colonização mais provável para as ilhas do Atlântico tenha sido uma primeira dispersão da Europa para as ilhas Canárias e/ou para a ilha da Madeira e daí para os Açores, onde rapidamente se expandiram para todas as ilhas do arquipélago, excepto para as ilhas do grupo ocidental (Flores e Corvo).

O mesmo estudo revela que a população nidificante nos Açores é geneticamente idêntica às populações do arquipélago da Madeira, das ilhas mais ocidentais das Ilhas Canárias (La Palma, El Hierro e La Gomera) e do continente Europeu, confirmando que o pisco-de-peito-ruivo não é uma subespécie endémica nos Açores, ao contrário de outras espécies de passeriformes que nidificam no arquipélago e que apresentam subespécies endémicas na região tais como o tentilhão-comum, o estorninho-



Fig 1. Pisco-de-peito-ruivo (fotografia de Pedro Rodrigues)

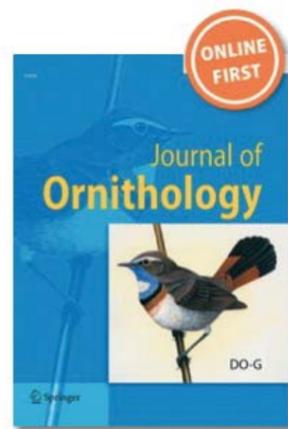


Fig 2. Artigo publicado no Journal of Ornithology

Coordenação de Armino Rodrigues

malhado ou a estrelinha-de-poupa.

Outra conclusão importante neste artigo científico é que existem diferenças morfológicas entre as populações de pisco-de-peito-ruivo das diferentes ilhas: os indivíduos da ilha de São Miguel apresentam as asas mais compridas e maior massa corporal, enquanto que os indivíduos da ilha Graciosa apresentam os bicos mais curtos. Estas diferenças morfológicas devem-se

sobretudo a processos de seleção natural e adaptação ao meio ambiente e aos habitats de cada ilha.

O artigo, disponível na página <http://link.springer.com/article/10.1007/s10336-013-0953-4>, finaliza realçando que o pisco-de-peito-ruivo não nidifica nas ilhas do grupo ocidental dos Açores possivelmente devido ao facto de esta espécie ser muito recente no arquipélago.

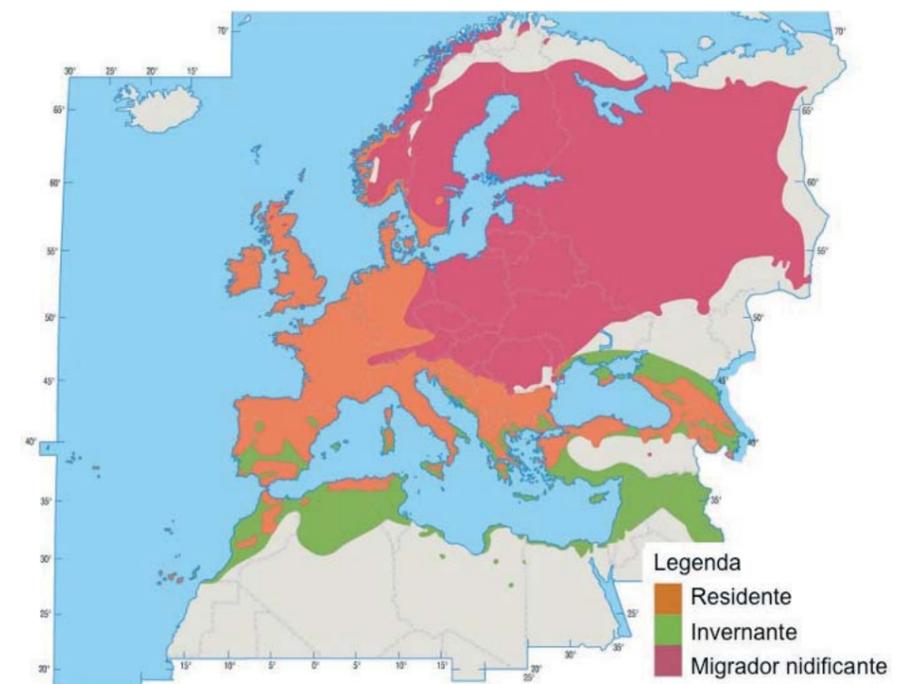


Fig 3. Distribuição do Pisco-de-peito-ruivo (adaptado de www.birdguides.com)



© Zuzana Literakova

Cientistas estudam os ectoparasitas das aves dos Açores

Um grupo de investigadores do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade dos Açores está a cooperar com a Universidade de Veterinária e ciências farmacêuticas de Brno, na República Checa, num estudo sobre os ectoparasitas das aves dos Açores. Esta investigação tem como objectivo principal a identi-

ficação de espécies de ácaros, pulgas e carraças associadas aos passeriformes que nidificam na região, de modo a perceber se serão ou não espécies idênticas às que parasitam as aves do continente Europeu. Outro objectivo é perceber se existe coevolução entre as espécies de aves dos Açores e os seus parasitas.